

Produtores distribuem laranjas em protestos

Mobilizações em Taquaritinga e Itápolis cobram ações efetivas para o escoamento da safra 2012/2013.

Produtores de laranja se reuniram em protestos, dias 26 e 27 de julho, em Taquaritinga e Itápolis, respectivamente, para exigir do governo estadual medidas que estimulem o consumo de suco e garantam a venda da atual safra, que corre o risco de ser perdida por causa de atraso na negociação com as indústrias.

A estimativa é de que 6 mil propriedades já foram prejudicadas pela falta de colheita e que as perdas cheguem a 80 milhões de caixas da fruta neste ano. O número de trabalhadores desempregados pode chegar a 40 mil.

São Paulo responde por 90% da produção do país. (Pág. 3)



Em Taquaritinga - 12 toneladas de laranja foram distribuídas para a população.

Mobilização para superar a crise Projeto em benefício dos produtores de cana e de laranja

O presidente da Associtrus, Flávio Viegas, e os presidentes dos Sindicatos Rurais de Ibitinga e Itápolis, Frauzo Ruiz Sanches e Valdir Butarello, foram unânimes quanto à importância da organização dos produtores com o objetivo de cobrar dos governos estadual e federal políticas públicas que auxiliem no escoamento da safra de laranja 2012/2013. Na abertura do Seminário de Desenvolvimento Rural, em comemoração ao Dia do Agricultor, mais de 150 citricultores concordaram que se a representatividade da classe não for suficientemente forte para cobrar ações concretas do governo, todos perderam os investimentos feitos até o momento e amargarão prejuízo de cerca de R\$ 80 milhões. "Se não houver união, organização e mobilização, politicamente, fica difícil encaminharmos as propostas do setor em

São Paulo e em Brasília. A participação ativa dos produtores nas associações de classe é imprescindível para mostrarmos nossa força e fazer valer as questões que realmente beneficiam e viabilizam a continuidade da citricultura", frisaram Flávio Viegas, Valdir Butarello e Frauzo Sanches, durante suas apresentações, em Itápolis.

(Pág. 8)



O deputado federal Antonio Carlos Mendes Thame (SP) apresentou projeto de lei (PL 3541/2012) na Câmara que obriga as indústrias processadoras de laranja in natura com financiamento no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) a adquirirem um percentual de 40% do total processado de matéria-prima de produtores rurais. O mesmo se aplica aos produtores de cana-de-açúcar.

(Pág. 3).

Representatividade - Produtores estão dispostos a se mobilizarem para cobrar ações dos governos federal e estadual.

O abuso do poder econômico e de mercado.



Por
Flávio Viegas

Mais uma vez, atuando em conjunto e de forma coordenada, as indústrias de suco, abusando de seu poder econômico e de mercado, estão criando uma situação de intranquilidade para todos os citricultores e de desespero para aqueles que tiveram seus contratos vencidos no final da safra passada, pois para esses as esmagadoras estão negando-se a renovar os contratos, ameaçando provocar a queda de 83 milhões de caixas de laranja, o que resultaria em um prejuízo de R\$ 1,6 bilhão para os citricultores, que já vêm sendo espoliados pela política predatória das processadoras nos últimos 20 anos.

O comportamento da indústria fundamenta-se em dados não comprovados e que contradizem com suas ações e de importantes atores da nossa cadeia produtiva. Por um lado, apresentam um cenário sombrio para o mercado de suco de laranja, por outro, demonstram o contrário, ampliando a produção própria e os investimentos em aquisição de fábricas e em logística. Ao mesmo tempo, os maiores fabricantes de suco do mundo (Coca-Cola e Pepsi Cola) investem muitos bilhões de dólares nesse mercado. A Coca Cola, no World Juice 2011 em Madrid, manifestou sua preocupação com o baixo ritmo de renovação dos pomares de laranja e comunicou sua intenção de incentivar o replantio.

Pelos dados publicados pelo USDA (www.fas.usda.gov/psdonline) o mercado de suco de laranja realmente contraiu-se e a grande contração está concentrada no mercado norte-americano, que não é um mercado importante para o suco produzido no Brasil, pois é abastecido pela Flórida. É importante porém saber que as indústrias "brasileiras" processam cerca de 50% da produção da Flórida e que, apesar dos altos estoques lá existentes, toda a produção foi adquirida e processada e os produtores receberam mais de US\$14,00 por caixa processada inclusive da fruta precoce que lá corresponde a cerca de 50% da produção!

Estima-se que haverá uma redução de 4% nas exportações brasileiras de 2012/2013, em comparação com as de 2007/8, enquanto a produção brasileira de laranja deverá contrair-se 16%.

A maior discrepância é verificada em relação aos estoques de suco no Brasil, que, segundo o mesmo relatório, apontam para um valor de 205 mil toneladas no final da safra passada, enquanto os números da indústria são de 555 mil toneladas. Essa diferença de 350 mil toneladas muda completamente o panorama apresentado pelas indústrias, pois equivale ao suco que seria produzido pela fruta que a indústria pretende deixar de colher.

No lado da demanda, a indústria pinta o pior cenário com contração na Europa e nos EUA e manutenção da demanda nos demais mercados. A previsão de que o Brasil não conseguirá exportar FCOJ para os EUA não é aceitável, pois houve tempo para que a maioria dos pomares deixasse de utilizar os produtos banidos.

É preciso também desmentir a informação de que a indústria aumenta seus pomares porque tem custos menores de produção; há estudos que demonstram que o que a indústria faz é adotar como custo de produção apenas os desembolsos, mas, como sabemos, os custos de produção não se limitam aos desembolsos e nenhum empreendimento se sustenta sem lucro. Reafirmamos que os custos levantados na planilha da Associtrus são apurados ao longo da vida útil de um pomar, e levam em consideração a perda de árvores e de produtividade que ocorre no período, o que eleva o custo médio da caixa de laranja entregue na fábrica a R\$18,88. A manipulação do custo de produção produz uma enorme distorção no mercado, pois justifica o registro das exportações de suco abaixo do valor de mercado, o que permite que as indústrias realizem seus lucros em suas subsidiárias e que desta forma não os internalizem.

Este estado de coisas, como vimos insistindo, não mudará enquanto não houver uma melhor organização e capacidade de mobilização dos produtores.

Não deixe de participar! Associe-se

Solicite sua ficha de cadastro de sócio na sede da Associtrus, na Rua Cel. Conrado Caldeira, 391, Centro, CEP: 14.701-000 - Bebedouro-SP ou através do email associtrus@associtrus.com.br. A contribuição quadrimestral é obtida multiplicando-se a estimativa de caixas a serem colhidas por US\$ 0,01 (um centavo de dólar). O valor resultante pode ser pago em três parcelas.

IMPORTANTE!

Identifique e confirme a sua contribuição.

EXPEDIENTE

Publicação bimestral da Associtrus

(Associação Brasileira de Citricultores)

Conselho Editorial: Diretoria

Produção, edição e fotos: Iha Comunicação

Tiragem: 6.000 exemplares

Divisão de jornalismo: Eduardo Iha e Carolina Iha

Diagramação: Juliana Iha

Associtrus - Associação Brasileira de Citricultores

Rua Cel. Conrado Caldeira, 391, Centro, CEP: 14.701-000 - Bebedouro - SP

Fone: (17) 3343-5180 Cel: (17) 9171-5480 - E-mail: associtrus@associtrus.com.br

Home Page: www.associtrus.com.br

DIRETORIA

Flávio Pinto Viegas, Douglas Eric Kowarick,
Carlos Alberto Boteon e Charles Teixeira.

Para anunciar ligue (17) 3343-5180



TARIFA ZERO

SICOOB CREDITRUS
cooperativa de crédito

www.sicoobcredicitrus.com.br

Produtores distribuem laranjas em Taquaritinga e Itápolis

Produtores de laranja se reuniram em protestos, dias 26 e 27 de julho, em Taquaritinga e Itápolis, respectivamente, para exigir do governo estadual medidas que estimulem o consumo de suco e garantam a venda da atual safra, que corre o risco de ser perdida por causa de atraso na negociação com as indústrias.

Em Taquaritinga foram distribuídas 12 toneladas da fruta e cerca de 200 litros de suco para os moradores da cidade. Parte da bebida também foi despejada na rua. Já em Itápolis, a mobilização foi em frente ao Sindicato Rural da cidade e distribuiu dois mil sacos de 5kg para a população, além de suco de laranja.

Os citricultores de Itápolis, Ibitinga, Bebedouro, Matão, Araraquara e Catanduva, que participaram dos movimentos, pedem pela criação de políticas públicas emergenciais que evitem prejuízos ainda maiores. A estimativa é de que 6 mil propriedades já foram prejudicadas pela falta de colheita e que as perdas cheguem a 80 milhões de caixas da fruta neste ano. O número de



Iniciativa - Citricultores se mobilizam em Taquaritinga para mostrar os prejuízos da crise.

trabalhadores desempregados pode chegar a 40 mil.

Mobilização foi para cobrar ações efetivas do governo estadual e mostrar à população a situação crítica dos citricultores.

O citricultor e presidente do Sindicato Rural de Ibitinga, Frauzo Ruiz Sanches, acredita já ter perdido 20% do total da produção de sua propriedade de laranja. "É o trabalho de quase um ano inteiro perdido. A laranja é uma cadeia em que um depende do outro, por isso, como não estou colhendo, não contratei nenhum trabalhador", lamenta Frauzo.

São Paulo responde por 90% da produção do país. Em nota, o governo do Estado informou que tem realizado, por meio da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, reuniões constantes com os representantes da cadeia da citricultura, tanto produtores quanto indústrias, para estudar, em conjunto, estratégias que possam minimizar os impactos da crise econômica internacional no setor.

Citricultores aguardam reunião do CMN

Os produtores de laranja estão à espera da reunião do Conselho Monetário Nacional, que deve aprovar a prorrogação das dívidas do setor, estimadas em R\$ 600 milhões. A proposta de fixação de um preço mínimo para a caixa da laranja não pôde ser debatida na reunião do dia 26 de julho, por conta da extensa pauta da reunião. "Todos os temas ligados à agropecuária ficaram para uma reunião extraordinária, a ser marcada pelo CMN, provavelmente para a próxima semana", informou a assessoria do Ministério da Agricultura.

O tema foi incluído na pauta do

Conselho pelo Ministério da Agricultura, a pedido do deputado Edinho Araújo, membro do Comitê Estratégico do Agronegócio. Ele lamenta o adiamento, pois a questão merece prioridade. A crise da citricultura não pode esperar mais, uma vez que a variedade de laranja Hamlin, a mais precoce, já está se perdendo nos pomares. O deputado vai continuar acompanhando o caso de perto e cobrando a fixação do preço mínimo para garantir que o produtor de laranja consiga, pelo menos, colocar a safra deste ano nas indústrias.

AGRIFLORA
MUDAS FLORESTAIS

MUDAS DE EUCALIPTOS

- ✓ Mudas Clonais (diversos cultivares),
- ✓ Mudas Seminais (diversas Espécies),
- ✓ Orientação Técnica (projetos, plantio e manutenção)

RENASEM - SP 01835/2008

(16) 3322-6488

Rod. W. Luiz, km 273 • CP 309 • CEP 14.809-670 • Araraquara-SP

www.agriflora.com.br • zaniflho@agriflora.com.br

Lima Plás

PRODUTO LP-23

PRODUTO LP-11

PRODUTO LP-10

www.limaplas.com.br | limaplas@limaplas.com.br
(19) 3444.6591

Av. Souza Queiroz, 267/b | Vila Queiroz | Limeira | SP

Uma análise das monoculturas

O vice-presidente da Coopercitrus e engenheiro agrônomo, João Pedro Matta, faz observações sobre as monoculturas do café, da laranja e da cana-de-açúcar e suas contribuições para o desenvolvimento.

Associtrus - O senhor é de uma família de produtores rurais e teve a oportunidade de vivenciar, pelo menos, três monoculturas: café, laranja e cana-de-açúcar. Qual a principal diferença entre elas?

João Pedro - O café foi o responsável por desbravar a mata fechada que até então dominava as terras do interior do Estado de São Paulo e Minas Gerais. Na época, os grandes coronéis do café compravam grandes áreas de terra e precisavam de muita gente para trabalhar e morar nas fazendas. Tudo era braçal, havia inclusive serrarias nas fazendas para que os próprios colonos construíssem suas casas. Não havia trator, caminhão, ônibus, adubação, defensivo, enfim, tudo era feito pelos homens com a ajuda dos animais e da própria natureza. Havia a figura dos formadores de café que pegavam determinadas áreas para cultivar o café e depois de alguns anos as devolviam aos donos com os cafezais montados. Naquela época, o que valia dinheiro era o café, então não havia porque investir em outras culturas. O pouco de milho, leite, arroz e outros grãos eram mantidos apenas para consumo doméstico. O café era o que impulsionava a economia mas, de uma hora pra outra, com a crise de 1929 e a quebra da bolsa de Nova Iorque, todo mundo quebrou e quanto maior era a fazenda, mais pobre ficou o fazendeiro.

No fim da década de 1950, impulsionada pelo mercado interno e de exportação, a laranja começou a surgir na região de Limeira, que possuía terras férteis e clima adequado, era próxima ao mercado consumidor da capital, São Paulo, e dos portos responsáveis por levar a fruta in natura para o mercado europeu. Naquela época, as frutas eram exportadas em caixas de 27 kg e tinham um tratamento especial. Elas eram embaladas da mesma forma que hoje são as maçãs importadas. A laranja foi ganhando espaço e, com o café em queda e as condições favoráveis em Bebedouro, chegou à região ocupando as terras que antes eram dos cafezais. Além disso, o café já estava se deslocando para o Paraná. A origem da Coopercitrus surgiu da necessidade de auxiliar os produtores de café a migrarem para a laranja.



João Pedro Matta

Associtrus - O que mudou com a laranja?

João Pedro - Mudou tudo. Ao contrário do café, a laranja já tinha uma mecanização e, por isso, exigia menos mão-de-obra, que era centrada na colheita. Além disso, os trabalhadores das fazendas estavam morando nas cidades e passaram a precisar de transporte até as fazendas, ou seja, mudou toda a estrutura e as relações de trabalho. No início, o citricultor era responsável apenas pela produção da fruta. A colheita e o controle de pragas eram feitos pela indústria. A laranja foi uma salvação para os fazendeiros de café e para os produtores de outras culturas já que o preço pago pela fruta era muito bom. Os que insistiram no café acabaram perdendo suas terras.

Associtrus - E as indústrias? Quando surgiram?

João Pedro - Quando se exportava fruta in natura, o mercado europeu aceitava uma laranja de ratio baixo, ou seja, mais azeda se comparada ao paladar do brasileiro. Num pomar bom para exportação de laranja, você aproveitava de 20 a 30% da fruta e, o restante, era jogado fora. O europeu não era exigente no gosto da laranja, mas era muito exigente na aparência, por isso a fruta com defeito de casca era refugo. Embora os PACKING

houses, cuidassem bem da laranja, deixassem as frutas com coloração e brilho ideal para a exportação e as colocassem em embalagens especiais, cerca de 70% das frutas, que não estavam nas condições ideais para exportação, eram desperdiçadas. Naquela época, mesmo perdendo grande parte da produção, a laranja compensava. Como muitas frutas acabavam sendo descartadas, começaram a surgir pequenas fábricas de suco, que começaram a moer a laranja e a misturá-la com água e açúcar para fazer um suco aceitável ao paladar do mercado e, a partir daí, surgiram as indústrias. Como o suco concentrado teve boa aceitação pelo mercado externo, as indústrias começaram a investir na produção e a crescerem, afinal a quantidade de fruta, apesar de ser grande, era insuficiente para atender o mercado, principalmente, o europeu, onde já havia a cultura do consumo do suco.

Com as geadas nos Estados Unidos e a consequente perda de 10 a 20 milhões de caixas, o mercado brasileiro se consolidou ainda mais, porque o suco triplicou de preço. Todas estas condições propiciaram a monocultura da laranja.

Associtrus - Quando foi que a laranja deixou de ser lucrativa?

João Pedro - O produtor sempre dependeu da indústria mas, antigamente, havia disputa pela fruta. Nunca houve um grande número de compradores e como a laranja disponível era insuficiente para atender à demanda, os preços eram altamente remuneradores. Como referência para a grande mudança de cenário, podemos citar a venda da Frutesp, em 1994. Depois disso, as indústrias pararam de realizar a colheita e começaram a exigir que o produtor entregasse a fruta na porta da fábrica. Também nasceram as cooperativas de colhedores de laranja e, junto com elas, os problemas trabalhistas. O que mais prejudicou o produtor foi o fato dele ter que assumir a colheita, porque a partir daí, ele virou empregado da indústria, que é quem decide quando, como e quantas caixas você deve colher.

Associtrus - Hoje o citricultor está descapitalizado. O senhor acredita numa recuperação?

João Pedro – Embora 2010 e 2011 tenham sido anos relativamente bons para a laranja acredito que não tenha dado para o produtor se capitalizar o suficiente para recuperar um ano como este. Além disso, a cada ano fica mais difícil produzir laranja por conta do aumento do custo da mão-de-obra e dos gastos com fertilizantes e adubos. A manutenção das máquinas também tem aumentado consideravelmente. A dificuldade da laranja é que o produtor investe antes de ganhar e em anos como este, onde não há compradores, todo o dinheiro investido é perdido. Outro dia um citricultor comentou que havia feito seis pulverizações, que sua fruta estava linda no pé, mas que estavam caindo por falta de comprador. Isto é lamentável!

Associtrus – As indústrias se negam a comprar a fruta com o argumento da diminuição do consumo no mercado internacional. O senhor acredita nisso?

João Pedro – Depende. Enquanto nos EUA há diminuição, na Europa e na Ásia há aumento. Este ano, acredito que o que atrapalhou muito foi a barreira ao suco brasileiro pelo mercado norte-americano por conta do carbendazim. Agora, o que mais prejudica o mercado é a redução no número de compradores da fruta e o aumento da produção de laranja pelas próprias indústrias que, hoje, já têm praticamente 50% de produção própria, com pomares novos e muito produtivos.

Associtrus – Se a indústria está aumentando sua plantação de laranja é porque ela acredita no mercado de suco?

João Pedro – Com certeza, além disso eles têm um mercado grande, e onde são soberanos nas mãos. Se eles estão investindo é porque há mercado.

Associtrus – E a cana-de-açúcar?

João Pedro – A cana foi ganhando espaço à medida que as usinas da região foram precisando de mais terras para plantar. Na década de 70, o governo lançou um programa de incentivo à cana, o Pró-Alcool e, na mesma época, coincidentemente, os pomares tiveram um surto de amarelhão que resultou em grandes prejuízos para os citricultores. Com isso, os pomares novos foram imediatamente substituídos pela cana que chegou com força total por conta dos investimentos das usinas. Elas arcavam com o custo de derrubar o pomar, adiantavam dinheiro para o produtor e assumiam o plantio, ou seja, davam as condições ideais aos produtores.

Associtrus – Há receios com a cana-de-açúcar?

João Pedro – O que me assusta na cana é a entrada das grandes multinacionais na produção de açúcar e

álcool. Eles vêm com muito capital, vão comprando terras e usinas e impondo os preços e condições que eles querem à exemplo da laranja. Quem impede que amanhã eles decidam fazer um happy hour? Hoje eles são 30 ou 40 enquanto há 50 mil produtores.

Associtrus – Bebedouro não possui nenhuma usina de cana, apesar de ser cercado por elas. Isto é bom ou ruim?

João Pedro – Não acho ruim não termos usinas, uma vez que o fato de estarmos muito próximos à elas faz com que o preço da terra seja valorizado. Mesmo o pequeno produtor que estiver interessado em plantar cana, basta pegar o telefone que, no outro dia há seis ou sete usinas interessadas na terra dele.

Associtrus – Como o senhor vê a monocultura?

João Pedro – É difícil falar sobre isto, porque infelizmente, a solução é complicada. O ideal seria o produtor conseguir manter pelo menos duas culturas, laranja e cana, que possuem mercados distintos. Além disso, as soluções precisam ser buscadas nos anos bons que é quando o produtor precisa se unir e se organizar. Infelizmente, o produtor brasileiro é imediatista e, em épocas boas, não se preocupa muito com o futuro. Um exemplo disso foi a tentativa da Frutesp, em Bebedouro, montar uma usina de cana-de-açúcar. Na ocasião, estava tudo pronto e havia dinheiro à vontade para tornar o projeto realidade mas, infelizmente, ninguém estava disposto a plantar cana já que a laranja estava em alta.

A monocultura não é o único caminho. Na Coopercitrus, por exemplo, há um número considerável de fruticultores que têm sempre alguma coisa vendendo. Já os grandes produtores têm a opção de dividir a propriedade entre duas culturas, por exemplo laranja e cana. Os médios são os que mais sofrem, afinal só lhes resta apostar numa cultura por conta do custo de produção e da área de terra.

Associtrus – E a agricultura familiar?

João Pedro – É um capítulo à parte. O

governo está apostando nestes produtores e tem disponibilizado condições de crédito e facilidades para comercialização. A Coopercitrus também está enxergando o potencial destes agricultores, tanto que acaba de criar a Cooperfam, cooperativa voltada exclusivamente para os agricultores familiares. Só na Coopercitrus são 1500. Queremos organizar estes produtores e capacitá-los, ou seja, informá-los das vantagens dos financiamentos do governo e das possibilidades de comercialização dos produtos para a merenda escolar, os presídios e outros projetos sociais do governo.



"A Única Escada com Base Larga e Aprovada pelo IPT"



Escada Metálica para Colheita
3,50 metros (10 degraus) 10 Kg
4,50 metros (12 degraus) 12 Kg
5,00 metros (14 degraus) 14 Kg
6,00 metros (16 degraus) 16 Kg

CADIOLI
SUPLEMENTOS AGRÍCOLAS LTDA

Rua Jaboticabal, 386
Jardim Buscardi
Matão - SP
Fone: (16) 3383 3830
cadioli@cadioli.com.br
www.cadioli.com.br



XIII FEACOOP

"Quem Cooperava
Negocia Melhor"

7, 8 e 9 de agosto
de 2012, das 8h30 às 18h

Estação Experimental de Bebedouro
Rod. Brig. Faria Lima, Km 381
www.feacoop.com.br

A agroindústria e seu papel na economia

Para o professor Júlio César Bellingieri, qualquer setor, seja agrícola, industrial ou comercial, está sujeito a crises, por mais avançado que seja.



Professor Julio Cesar Bellingieri

O Informativo Associtrus foi atrás de respostas para os ciclos de avanço e declínio dos municípios que dependem exclusivamente de uma cultura agrícola. O professor-mestre em economia pela UNESP de

Araraquara, doutorando em Geografia pelo Unesp de Rio Claro e professor e coordenador do curso de Ciências Contábeis do Unifafibe, Julio Cesar Bellingieri é quem responde à algumas questões sobre o tema.

Associtrus - Como avalia a importância da agricultura para a economia, em especial, para o Estado de São Paulo?

Júlio - A agricultura, sozinha, tem uma participação pequena na economia estadual. Representa cerca de 2% da riqueza gerada e 2,5% dos empregos formais, no Estado. Em Bebedouro, representa 3% do PIB e 16% dos empregos, segundo dados da Fundação Seade.

Mas, quando consideramos a chamada agroindústria, que envolve também o processamento e a transformação de produtos agrícolas, aí sim este setor da economia passa a ser altamente significativo, especialmente para a nossa região. Por exemplo, em Bebedouro, a indústria representa 38% do PIB, sendo que 88% do valor gerado por esta indústria vem dos setores de "Produtos Alimentícios" e "Bebidas". Ou seja, nossa indústria está quase que totalmente vinculada à agricultura.

E, a partir do momento em que os produtos agroindustriais são vendidos/exportados para outras regiões e países, a renda gerada (principalmente por meio dos salários pagos), acaba por dinamizar o comércio e os serviços da localidade. Assim, a agricultura, englobando o conceito mais amplo de agroindústria, é um setor chave para nossa economia.

Associtrus - A região norte do Estado tem por característica as monoculturas. Até que ponto elas são benéficas ou maléficas para a economia? Dê exemplos.

Júlio - O predomínio de apenas uma cultura agrícola numa região não é maléfico por si só, desde que distribua renda e gere condições para o aparecimento de outras atividades econômicas geradoras de riqueza. Foi graças aos capitais acumulados pela monocultura do café (que trouxe imigrantes, ferrovias, bancos, indústrias e comércios) que o Estado de São Paulo veio a se tornar o mais desenvolvido do país. Foi graças ao predomínio da laranja que Bebedouro também teve uma fase de grande crescimento (e desenvolvimento), principalmente na década de 1980.

O problema é quando ocorre uma queda do preço do produto, por um longo período, gerando crise no setor. Foi até criado o termo "vulnerabilidade territorial", que é a fragilização da cidade ou região decorrente da sua super especialização numa única atividade, deixando-a dependente do contexto nacional ou internacional.

Mas, qualquer setor, seja agrícola, industrial ou comercial, está sujeito a crises, por mais avançado que seja. Sertãozinho tem atualmente seu setor metalúrgico estagnado, e ele é o motor do crescimento da cidade. Franca já viveu fases terríveis com o setor calçadista. Detroit (EUA), a capital mundial do automóvel, também já teve sua fase de declínio, com a crise da GM e da Ford.

Associtrus - Quais os reflexos sociais das monoculturas?

Júlio - Muitos estudos mostram que determinadas monoculturas, embora tragam crescimento econômico, não conseguem distribuir essa riqueza, por várias razões, entre elas o baixo nível de salário pago e a precarização do trabalho. E, como monopolizam o uso da terra, também acabam inibindo a agricultura familiar de pequenas propriedades, que geralmente adotam policultura com produção de verduras, legumes, frutas, etc. Há também estudos econômicos comparativos, que afirmam que a cultura da

laranja consegue distribuir melhor a riqueza, na sociedade, do que a cana. Se pudéssemos optar entre uma destas duas monoculturas, seria melhor a citricultura.

Associtrus - Quais seriam as alternativas para que a economia dos municípios citrícolas se mantivesse aquecida?

Júlio - Variar fases de crescimento, estagnação e ou mesmo de queda econômica, ao longo de um grande período, é um fenômeno normal para qualquer cidade. Mas, para que uma crise não se perpetue e gere um declínio definitivo da cidade, a solução é diversificar a economia, dinamizando-se atividades de diferentes setores, que sustentariam a cidade quando um dos setores passa por dificuldades. É o que alguns países árabes estão fazendo, investindo no turismo como fonte de renda alternativa ao petróleo. Mas, para ficar num exemplo mais próximo, temos Ribeirão Preto, que, ao longo das últimas décadas, conseguiu se tornar forte em ensino, em saúde, em comércio, em lazer, etc., atraindo consumidores de todo o país para seu comércio e seus serviços (comércio e serviços representam 81% de seu PIB).

Agora, quando se pergunta o que fazer para diversificar a economia, infelizmente não existe uma resposta concreta. Creio que depende muito pouco da vontade da sua população e de seus políticos, e muito mais das forças naturais de mercado, acrecida de uma dose de acaso. Dois caminhos a seguir, que eu chamaria de "preparo do terreno" para o crescimento, são: a) políticas públicas de atração de empresas; b) investimentos em educação/qualificação, os quais talvez façam brotar novos empreendimentos, no futuro.

Associtrus - Atualmente, os citrícolas têm sofrido com a desvalorização da laranja e a falta de compradores para a fruta, por conta de haver apenas 3 indústrias processadoras.

Como os ciclos das culturas agrícolas influenciam na economia dos municípios?

Júlio - O fato de a indústria processadora de suco estar concentrada em pouquíssimas empresas não é a causa da crise. Já tivemos fases de grande prosperidade, com a indústria num grau semelhante de concentração. Embora as empresas de suco tenham um alto poder de mercado, que influencia no preço da laranja, há também questões de oferta e demanda, como uma produção elevada e uma redução da procura internacional por suco.

Numa fase de baixa deste ciclo, não há nada muito impactante que se possa fazer, a não ser uma política de compra de laranja e de suco por parte da Prefeitura e estratégias envolvendo prefeitura e associações, para os consumidores comprarem produtos e serviços locais, como forma de manter o comércio aquecido.

Propostas para o governador Geraldo Alckmin

Associtrus propõe implantação de imposto seletivo e interferências na Lei do Suco.

A secretária de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, Mônica Bergamaschi se comprometeu a encaminhar ao governador Geraldo Alckmin as demandas apresentadas, dia 5 de julho, por representantes dos citricultores e da indústria processadora de suco de laranja.

O presidente do Conselho da Associtrus, Renato Queiroz, propôs a implantação de um imposto seletivo para refresco, néctar e suco natural, que reduziria o preço do produto final e aumentaria o consumo interno.

Também salientou a necessidade do Governo intervir na proposta da mudança da Lei do Suco (que está para ser revogada), desobrigando a utilização de 10% de suco natural nos refrigerantes a base de suco.

Informou a Secretaria que o deputado Nelson Marchezelli está retardando no despacho da lei (PL 3541/2012) apresentada pelo deputado Antônio Carlos Mendes Thame, que obriga as indústrias processadoras de laranja in natura com

financiamento no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) a adquirirem um percentual de 40% do total processado de matéria-prima de produtores rurais. O mesmo se aplica aos produtores de cana-de-açúcar. "Solicitamos também a volta do subsídio do seguro do Greening e Cancro como era no princípio", afirma Renato Queiroz.

As cooperativas Coagrosol, Coaf e Cocer, propuseram a redução do ICMS das processadoras que, atualmente, é de 18%.

A secretária Mônica Bergamaschi mostrou números como a quantidade de alunos nas redes municipais e estadual e de presidiários no Estado de São Paulo, com vistas ao aumento do consumo interno de suco de laranja.

A CitrusBr, representada pelo Christian Lohbauer apresentou uma simulação de quanto custaria 1 litro de suco concentrado a ser entregue a uma envasadora. Utilizando 200 caixas de laranja para fazer uma tonelada de suco, pagando R\$ 7,00 por caixa custaria US\$ 875 a tonelada, o processamento feito pelas indústrias tem custo de US\$ 375 por tonelada.

Sem contabilizar os custos de envase e da logística de armazenamento e de distribuição, o custo final a ser vendido é de R\$ 3,30/litro.

E para cada 20.000.000 (vinte milhões) de caixas de

laranja que são suficiente para produzir 70.000 (setenta mil) toneladas de suco e consequentemente produzir 54 milhões de embalagens de 1 litro.

A ideia apresentada seria a de implantar um programa similar ao "Viva Leite", que entrega 1 litro de leite por semana para cada aluno.

No site da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, diz que há "5,3 mil escolas, 230 mil professores e mais de quatro milhões de alunos".

Vamos fazer uma conta simples. 6 meses x 4 semanas x (4.000.000 alunos + 230.000 professores) = 101.520.000 de litros

Se 54.000.000 de litros necessita de 20.000.000 de caixas, para 101.520.000 de litros será necessário 37.600.000 de caixas apenas para suprir as escolas.

Com estas medidas em contrapartida as indústrias comprariam a quantidade correspondente dos produtores de fruta precoce preferencialmente.



Representação – O presidente do Conselho da Associtrus, Renato Queiroz, representa os citricultores em reuniões com os governos estadual e federal.

REI DA PÁ

Aluguel de Pá Carregadeira
Terraplenagem
Manutenção de Máquinas



Tel. (14) 9789-0740

Pederneiras - SP

CITRUS PAULISTA



Compra de laranja livre de colheita e frete,
inclusive cargas refugadas.

Fone: (16) 9601-2128

citruspaulista@itelefonica.com.br

Av. João Martinez Filho, 1147 - Parque Imperial - Tabatinga - SP

gruta AGROPECUÁRIA

www.grutaagropecuaria.com.br
fsjgruta@uol.com.br

Fones: (19) 3451-0904 / 3441-9786

Fax: (19) 3495-2547

Mobilização: palavra-chave para o setor produtivo citrícola

Reunidos em Itápolis, mais de 150 citricultores confirmaram que sem organização e mobilização não será possível conduzir as soluções na cadeia da laranja.

O presidente da Associtrus, Flávio Viegas, e os presidentes dos Sindicatos Rurais de Ibitinga e Itápolis, Frauzo Ruiz Sanches e Valdir Butarello, foram unânimes quanto à importância da organização dos produtores com o objetivo de cobrar dos governos estadual e federal políticas públicas que auxiliem no escoamento da safra de laranja 2012/2013. Na abertura do Seminário de Desenvolvimento Rural, em comemoração ao Dia do Agricultor, no Sindicato Rural de Itápolis, dia 25 de julho, mais de 150 citricultores concordaram que se a representatividade da classe não for suficientemente forte para cobrar ações concretas do governo, todos perderam os investimentos feitos até o momento e amargarão prejuízo de cerca de R\$ 80 milhões. Flávio Viegas fez uma explanação sobre o andamento das negociações junto aos governos federal e estadual para o escoamento da safra 2012/2013. "Até o momento, foram sugeridas apenas medidas para minimizar os problemas como a criação, pelo governo federal, de uma nova LEC, no valor de R\$ 80 milhões para cada empresa e a prorrogação da LEC anterior se em contrapartida houver a ampliação da compra de frutas pelas indústrias; prorrogação das dívidas dos produtores; e financiamento para manutenção dos pomares. O governo estadual também busca soluções como a compra de parte do excedente para distribuição em projetos sociais e escolas. As medidas são necessárias, mas apenas minimizam os problemas. Precisamos criar alternativas que solucionem as questões da compra da fruta e do valor pago aos produtores", afirma Viegas.

Mercado - A contração da demanda está concentrada no mercado norte-americano que é abastecido pela Flórida. O principal mercado para o suco brasileiro é a Europa onde a contração da demanda é muito menor e que tem sido compensada parcialmente

com o crescimento dos mercados emergentes.

A Associtrus questiona a informação da indústria de que há 600 mil toneladas de suco em estoque, no Brasil. "O USDA aponta, para o início da safra 2012/13, um estoque no Brasil de 205 mil toneladas. Além disso, a indústria que se nega a comprar a fruta do produtor brasileiro, na Flórida, onde processa e comercializa cerca de 50% da safra de laranja, colheu toda a safra pagando US\$ 13,00 a caixa de laranja precoce e US\$ 14,00 a caixa de laranja tardia", observa Viegas.

Aos produtores resta a alternativa da mobilização. "Se não houver união, organização e mobilização, politicamente, fica difícil encaminharmos as propostas do setor em São Paulo e em Brasília. A participação ativa dos produtores nas associações de classe é imprescindível para mostrarmos nossa força e fazer valer as questões que realmente beneficiam e viabilizam a continuidade da citricultura", frisaram Flávio Viegas, Valdir Butarello e Frauzo Sanches, durante suas apresentações, em Itápolis.



Lideranças - O presidente da Associtrus, Flávio Viegas e os presidentes dos Sindicatos de Itápolis e Ibitinga, Valdir Butarello e Frauzo Sanches.

Mendes Thame apresenta projeto de lei em benefício dos produtores

O deputado federal Antonio Carlos Mendes Thame (SP) apresentou projeto de lei (PL 3541/2012) na Câmara que obriga as indústrias processadoras de laranja in natura com financiamento no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) a adquirirem um percentual de 40% do total processado de matéria-prima de produtores rurais. O

mesmo se aplica aos produtores de cana-de-açúcar.

Para o parlamentar esse projeto de lei vai garantir a continuidade das atividades econômicas de grande número de agricultores que, no passado, foram incentivados pelas indústrias processadoras a plantarem e produzirem cana-de-açúcar e laranja.



100% *Ascophyllum nodosum*

SÓ EXISTE UM

-  **Maior concentração de algas do mercado;**
-  **Aumento significativo na produção final;**
-  **Muito mais qualidade da sua plantação.**

USO EXCLUSIVO COMO FERTILIZANTE.
REG. MAPA SP 01854 10042-7

IMPORTADOR



Fone: 16 3304.1176 - www.defensive.com.br
Cap. Social: R\$ 1.000.000,00 - C.E. 07.000.000-00 - C.N. 06.905.027.000
CNPJ: 06.905.027/0001-00

FABRICANTE



PRODUTO IMPORTADO



IRLANDA